

Breves considerações sobre a agressividade e a compulsão à repetição

Celso Halperin¹

Resumo: Partindo do conceito de pulsão de morte, o autor procura outras possíveis causas para compreender manifestações como a agressividade, a destrutividade e a compulsão à repetição. Seguindo o modelo de desenvolvimento proposto por Winnicott, somado às contribuições de Roussillon, encontra nas características de desenvolvimento do processo de simbolização e integração do *self* uma relevante contribuição ao entendimento desses fenômenos.

Palavras-chave: Agressão. Compulsão à repetição. Destrutividade. Integração. Simbolização. Pulsão de morte.

O debate proposto neste trabalho parte da seguinte questão: fenômenos como agressividade, compulsão à repetição, destrutividade e masoquismo são derivados de uma pulsão de morte primária ou podemos encontrar outras possibilidades para compreendê-los?

I

Em suas obras iniciais, Freud estudou o desenvolvimento do aparelho psíquico por meio da ideia de um funcionamento pulsional centrado no princípio do prazer e do desprazer. Em 1920, contudo, examinando a compulsão à repetição presente na neurose traumática, na neurose de destino, na transferência, nos sonhos e nas brincadeiras infantis, ele percebeu que esses fenômenos não buscam

1 Membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre (SBPdePA).

uma satisfação libidinal baseada no princípio do prazer (Freud, 1920/1996a). Como o caráter repetitivo dos sonhos e das lembranças na neurose traumática não suscitava a satisfação de desejos reprimidos, concluiu que a única explicação para esses fenômenos era a existência de uma tendência masoquista no Eu. Nesse sentido, a compulsão à repetição presente na brincadeira do carretel, por exemplo, também não obedecia ao princípio do prazer, já que a vivência, pela criança, da partida da mãe certamente lhe trazia desprazer. A hipótese de compreensão desse fenômeno como uma tentativa da criança de se sentir no controle da situação, ou mesmo de transformar o princípio do prazer em princípio de realidade, permitindo a sustentação e o adiamento do prazer, deixou de parecer convincente para Freud.

Ele vislumbrou então a existência, no aparelho psíquico, de uma pulsão de morte primária, a qual sempre se contrapõe uma pulsão de vida. A função dessa pulsão de vida é justamente tentar anular (por fusão ou deflexão) a pulsão de morte, que, quando desfusionada da pulsão de vida, seria responsável por quadros como agressividade e destrutividade e pela compulsão à repetição. Uma vez que Freud não viu sentido na pulsão de morte obedecendo ao princípio do prazer, sugeriu um fundamento de funcionamento psíquico que fosse além do princípio do prazer: o princípio de constância.

Em *O problema econômico do masoquismo*, ele explicou seu novo postulado:

Trata-se de nossa formulação a respeito dos dois tipos de pulsão que estariam presentes nos seres vivos atuais. Segundo ela, ao surgir, a libido teria encontrado a pulsão de morte – ou de destruição – já predominando nos seres vivos (multicelulares). Essa pulsão de morte teria como meta desfazer esses seres e conduzir cada um dos organismos elementares ao estado de estabilidade inorgânica (apesar de essa estabilidade ser apenas relativa). Caberia, pois, à libido a tarefa de tornar inofensiva essa pulsão destrutiva. Para tal, ela, contando com ajuda de um sistema especial de órgãos, a musculatura, desviaria grandes parcelas da pulsão de morte para fora, dirigindo-as contra os objetos do mundo externo. Direcionada ao mundo externo, a pulsão de morte passaria, então, a atuar como pulsão de destruição, pulsão de apoderamento ou vontade de exercer poder. Outra parcela dessa pulsão também seria dirigida para fora, mas a serviço da função sexual. (Freud, 1924/1996f, p. 109)

II

Antes de seguir com o tema, quero esclarecer que me baseio na premissa de que questionar alguns conceitos e modelos psicanalíticos não tem por fim contestar ou pôr em xeque toda a “gramática” da psicanálise. Pelo contrário: o questionamento faz parte do exercício psicanalítico, como uma forma de

compreensão, apropriação, integração ou mesmo rejeição desses conceitos e modelos na teoria psicanalítica pessoal que estamos permanentemente construindo e reconstruindo. É nesse sentido que todo diálogo a respeito de conceitos fundamentais da psicanálise sempre se dá com aquilo que há de mais tradicional e sólido nela: a obra freudiana.

Discutir o caráter primário da pulsão de morte pode parecer um questionamento moralista ou até ingênuo, que busca negar a presença da agressividade e da destrutividade no homem, como se estivéssemos propondo uma natureza boa em todo ser humano. Mas, ao conceber um impulso originário de destruição do outro, sem qualquer motivação psíquica, não estamos sendo tão moralistas quanto ao imaginar uma bondade originária?

Em sua obra sobre a pulsão de morte, Martins (2009) aborda um aspecto que me parece muito importante: até que ponto a concepção da pulsão de morte como uma força pulsional primária, causa de fenômenos como masoquismo, destrutividade, violência e compulsão à repetição, não encobre outras possibilidades de compreensão mais específicas, inclusive num tratamento psicanalítico? Se considerarmos a existência de uma pulsão de morte primária como pedra angular de tais quadros, não correremos o risco de cair numa compreensão fatalista de determinadas condutas ou fantasias?

III

Winnicott não encontra na pulsão de morte a explicação para a agressividade, a compulsão à repetição e a destrutividade. Segundo ele, a compulsão à repetição e a agressividade se relacionam à vivência de uma situação traumática provocada por uma falha ambiental, por um desamparo. É interessante lembrar que o tema do desamparo está presente praticamente ao longo de toda a obra de Freud. Por exemplo, no *Projeto para uma psicologia científica* (1950[1895]/1996g); em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926[1925]/1996d), quando destaca a impotência psicomotora do recém-nascido e a importância da mãe como primeiro escudo protetor contra as excitações excessivas; e de forma capital em *O futuro de uma ilusão* (1927/1996c) e *O mal-estar na civilização* (1930[1929]/1996e), quando trata do desamparo do homem diante da natureza e do anseio pela proteção paterna.

Ao tomar essas bases como ponto de partida, Winnicott enfatiza o papel central do ambiente em acolher e propiciar o adequado encontro entre o sujeito, com determinado arranjo pulsional, e o objeto, com determinadas condições de recebê-lo naquele momento. Nessa perspectiva, a qualidade da relação com o objeto pode interferir diretamente em todo o processo de desenvolvimento

emocional, inclusive no necessário estabelecimento do processo simbólico, de modo que as vivências do bebê possam ser integradas em seu Eu.

Esse processo de integração do Eu, tanto no nível pulsional quanto no representacional, ocorre devido a uma série de fatores: presença de um ambiente favorável, tendência inata de integração (síntese), desenvolvimento do processo ilusório, identificação, simbolização, entre outros. Neste trabalho, vou me deter brevemente no papel da simbolização, o qual nos ajudará a entender algumas das manifestações que estamos estudando.

Na *Carta 52* (1950[1896]/1996b), Freud propõe que as experiências perceptivas produzem inscrições no psiquismo denominadas *marcas mnêmicas perceptivas*. A tradução dessas marcas em representações psíquicas, suscetíveis de serem integradas no aparelho psíquico, acontece por meio do processo primário (marcas mnêmicas conceituais, representação de coisa) e do processo secundário, quando pode haver a conversão da representação-coisa em representação-palavra. Não vou me deter na descrição dos mecanismos usados nesse movimento (deslocamento, condensação etc.), mas é possível entender que na passagem das marcas mnêmicas perceptivas às representações e na comunicação dessas representações entre si está a raiz do processo simbólico. O que nos interessa aqui é a importância dele para a integração das vivências perceptivas às representações no Eu. O processo simbólico é a chave para que isso ocorra. Em sua ausência, as vivências são dissociadas, reprimidas, cindidas ou projetadas.

Roussillon (2013) questiona-se sobre o destino das experiências subjetivas precoces que não puderam ser simbolizadas² e suficientemente integradas. Concorda com Winnicott que o inexorável destino é insistirem em se fazer presentes, ainda que expressando-se por outras formas que não a linguagem verbal: o afeto, o soma e a conduta, sempre buscando comunicar o que ocorreu ou o que deveria ter ocorrido.

No entanto, por ação de uma tendência inata à integração em todo indivíduo, o Eu (*self*) também não “se conforma” com a impossibilidade de seguir seu desenvolvimento devido à falha ambiental. Ele seguirá procurando, ou mesmo criando, muitas vezes de maneira compulsiva e repetitiva, uma situação em que possa resgatar as condições daquela falha ambiental, com a esperança de que uma nova solução seja encontrada, para alcançar enfim a integração com o objeto e a integração dessa experiência no próprio ego, o que até então não fora possível (Winnicott, 1956/1993b).

2 Roussillon (2015) subdivide o processo em simbolização primária (processo primário) e simbolização secundária (processo secundário).

Pontalis traduz poeticamente a questão:

O que se repete – não falo do que se rumina, mas do que insiste – é aquilo que não teve lugar, que não encontrou seu lugar e que, por não ter conseguido advir, não existiu como acontecimento psíquico. Repetimos como nos ensaios de teatro, mas na ausência e vazio de todo texto. Repetimos o que está fora do texto, o incrustado, o não impresso. (1997/2005, p. 19)

O repetidor busca um sentido para aquilo que ainda não tem sentido; repete com a esperança de que ocorra uma pequena alteração, num pequeno detalhe, que faça toda a diferença. Embora seja repetição, nunca é exatamente igual. Aquele que repete procura um cenário, uma conjuntura, que lhe dê a esperança de que algo de novo possa acontecer. O fato é que, enquanto a vivência entre o indivíduo e o ambiente não for integrada, haverá ao menos a esperança de encontrar situações que deem andamento ao processo de integração, mesmo que o cenário necessário para isso traga prejuízos ao próprio sujeito e aos outros. Podemos entender, assim, muitos quadros em que há uma compulsão à repetição em pensamentos, comportamentos, sonhos e relacionamentos (inclusive com o analista). O repetidor repete na esperança de integrar aquilo que demanda integração, repete porque há uma compulsão à simbolização (Roussillon, 2013).

IV

Em termos de desenvolvimento emocional, a adaptação “absoluta” da mãe às necessidades dos primeiros tempos vai abrindo espaço para o mundo ao redor, permitindo ao bebê uma gradual percepção do mundo não bebê. O papel da mãe (ambiente) nesse processo de desilusão é fundamental, pois somente com o amparo necessário o bebê poderá reconhecer um mundo não bebê (realidade externa), que não obedece a qualquer ilusão de onipotência, e ter a oportunidade de criar um espaço transicional, que comporta um estado paradoxal: o de haver, ao mesmo tempo, união e separação entre o bebê e a mãe. A desilusão introduz a realidade externa e a transicionalidade sem produzir desamparo, tendo a agressividade um papel fundamental nesse processo.

Assim como a natureza é movida por suas quatro forças fundamentais (gravitacional, eletromagnética, nuclear fraca e nuclear forte), o ser vivo apresenta uma força vital, fruto das reações químicas próprias de seu metabolismo. Para Winnicott (1950/1993a), a agressividade deriva dessa força presente nos seres vivos, não havendo qualquer intencionalidade preestabelecida. Nesse sentido, a agressividade primária é sinônimo de atividade e motilidade. A

atitude do bebê, seu apetite, sua sexualidade, sua voracidade etc. são sempre “atravessados”, movidos, por essa força, por essa agressividade. A agressividade é como o fogo: ele é destrutivo ou construtivo? Tudo depende de como o fogo está atingindo determinado objeto. Assim é a agressividade, detentora de um potencial tanto destrutivo quanto construtivo, sem qualquer intencionalidade, independentemente do efeito que provoque no objeto que a recebe. O caráter destrutivo ou não da agressividade é dado pela capacidade ou pela incapacidade do objeto de sobreviver, e não como uma característica já determinada em sua origem.

V

Didaticamente, podemos analisar a agressividade por meio de particularidades distintas, ainda que essa separação represente mais uma forma de facilitar essa comunicação do que a existência de modelos puros de agressividade.

1. Há uma agressividade primária, a qual, na impossibilidade de passar pelo processo de integração e subjetivação, fica dissociada, não acompanhando o desenvolvimento do Eu. Como tudo o que está cindido, projetado e dissociado, permanece congelada no tempo, aguardando uma oportunidade para seguir com o processo de integração. Por exemplo, uma mãe percebida pelo bebê como muito frágil para receber seus ataques agressivos pode fazê-lo dissociar essa agressividade, congelando-a no tempo, esperando novas oportunidades de investidas agressivas em que sinta a segurança de que o objeto não vai sucumbir a seus impulsos.

2. A agressividade desempenha uma importante função no processo de desilusão. À medida que a ilusória unidade dos primeiros tempos é ameaçada, o bebê percebe algum nível de autonomia do objeto. Se esse processo ocorre de uma forma percebida por ele como insuportável para sua estrutura somatopsíquica, pode se desencadear uma reação de ódio por parte do bebê, com uma intensa agressividade em relação ao objeto. A potencialidade destrutiva dessa agressividade vai ser dada pela capacidade ou não do objeto de sobreviver a ela, e não pelo que a originou.

3. A agressividade tem um papel significativo na transformação de um objeto interno em direção à externalidade, o que se vincula ao ponto anterior. Toda relação de objeto, por se dar no mundo interno, é regida pela onipotência. A função da agressividade é destruir o âmbito onipotente do objeto, ou melhor, a própria onipotência, permitindo o reconhecimento da existência de uma realidade externa, que não responde a seu mandato. Temos, então, a criação da realidade externa (e não só sua percepção), o que possibilita ao sujeito liberar-se das amarras da exclusividade do mundo interno e desfrutar também do objeto

(realidade) externo com suas próprias características (Winnicott, 1971/1975). Cabe assinalar que, além do reconhecimento da exterioridade do objeto, esse processo propicia a entrada na chamada *terceira zona*, em que esses dois estados, de ligação e de separação, podem se fazer presentes simultaneamente.

4. O potencial agressivo pode servir, por exemplo, à imperiosa necessidade do sujeito de reivindicar ou reconstituir determinado momento de seu desenvolvimento emocional que foi interrompido por uma falha ambiental. Quando o bebê se sente excessivamente invadido, ele pode, diante de alguma oportunidade percebida como favorável, reagir aos representantes dos objetos agressivos ou intensamente demandantes, bem como ao ambiente que deveria protegê-lo e não o fez (Winnicott, 1956/1993b). Se a invasão agressiva que o obrigou a interromper seu desenvolvimento normal para se proteger com dissociações é percebida como proveniente do outro, do ambiente, é contra esse ambiente que o bebê se volta, e não necessariamente contra o agressor original. Determinadas pessoas, em função das circunstâncias e dos vínculos estabelecidos, podem ser cobradas pela dívida que o ambiente tem com o sujeito. Se a reparação que o ambiente é capaz de proporcionar não for a esperada, facilmente será tomada como falsa ou irreal. A falha ambiental pode ter sido física, mental, simbólica ou imaginária; uma privação, uma ameaça, um medo, uma intrusão ou uma omissão; pontual ou contínua. Para restabelecer alguma confiança do indivíduo no ambiente, será preciso que o próprio ambiente, por meio de seus representantes atuais, que eventualmente somos nós, analistas, reconheça sua falha com essa pessoa, abrindo o caminho para recuperar o narcisismo danificado do paciente e sua autoestima.

É possível compreender muitas manifestações agressivas intensas – por exemplo, ódio, assassinato, suicídio, sadismo e masoquismo – como uma busca de ligação, embora destrutiva. Nessas situações, podem estar sendo comunicados o ressentimento, a esperança, o anseio de amor, de proteção, sempre em relação a um outro ou em relação ao ambiente, e não necessariamente desejos originários de destruir o outro.

Por fim, gostaria de salientar que a compreensão da agressividade, da destrutividade e da compulsão à repetição como consequências de falhas no processo de simbolização e integração do *self*, decorrentes por sua vez de falhas ambientais, nos abre várias portas na abordagem clínica. Em minha opinião, esse entendimento, por valorizar a qualidade do ambiente e do objeto, não traz qualquer desmerecimento à importância da questão pulsional na gramática psicanalítica. No trabalho clínico, nossa compreensão do paciente parte sempre do seu psiquismo atual. Se as falhas ambientais se dão sob o ponto de vista do bebê (paciente), que foi quem as vivenciou, é evidente que essa percepção pode não coincidir com a de um

observador localizado numa realidade externa. Nesse sentido, a psicanálise propicia uma posição privilegiada: a partir do *setting* analítico, com a proteção, a constância e a estabilidade oferecidas (abstinência e neutralidade), o paciente, com seu arranjo pulsional, poderá repetir e expressar, das mais variadas formas, suas conflitivas e seus déficits estruturais. Com a ajuda do psicanalista, abre-se a porta para, através de compreensão, elaboração, historicização, construção e reconstrução da trajetória psíquica, o paciente poder retomar o desenvolvimento emocional que tenha ficado, ao menos em parte, congelado.

Brief considerations on aggression and compulsion to repetition

Abstract: From the concept of death drive, the author looks for other possible causes to understand manifestations such as aggressiveness, destructiveness and compulsion to repetition. Following the model of development proposed by Winnicott, enriched by the contributions of Roussillon, the author finds in the developmental characteristics of the process of symbolization and integration of the self a relevant contribution to the understanding of these phenomena.

Keywords: Aggression. Compulsion to repetition. Death drive. Destructiveness. Integration. Symbolization.

Referências

- Freud, S. (1996a). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 18). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920)
- Freud, S. (1996b). Carta 52. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1896])
- Freud, S. (1996c). O futuro de uma ilusão. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1927)
- Freud, S. (1996d). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925])
- Freud, S. (1996e). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 21.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930[1929])

- Freud, S. (1996f). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924)
- Freud, S. (1996g). Projeto para uma psicologia científica. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1950[1895])
- Martins, A. (2009). *Pulsão de morte? Por uma clínica psicanalítica da potência*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Pontalis, J.-B. (2005). *Este tiempo que no pasa* (B. Diez & J. Rodríguez, Trans.). Buenos Aires: Topía. (Trabalho original publicado em 1997)
- Roussillon, R. (2013). Las simbolizaciones primarias y secundarias. *Revista de Psicoanálisis de la Asociación Psicoanalítica de Madrid*, 69, 219-241.
- Roussillon, R. (2015). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária (C. Berliner, Trad.). *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 33-46.
- Winnicott, D. W. (1975). O uso de um objeto e relacionamentos através de identificações. In D. W. Winnicott, *O brincar e a realidade* (J. O. de A. Abreu & V. Nobre, Trans.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1971)
- Winnicott, D. W. (1993a). Agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional. In D. W. Winnicott, *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise* (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1950)
- Winnicott, D. W. (1993b). A tendência antissocial. In D. W. Winnicott, *Textos selecionados: Da pediatria à psicanálise* (J. Russo, Trad.). Rio de Janeiro: Francisco Alves. (Trabalho original publicado em 1956)

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 17/09/2018

Aceito em: 08/10/2018

Celso Halperin
Rua Mostardeiro, 157 / 905
90430-001 – Porto Alegre – Brasil
Email: halperin@uol.com.br